

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE NA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA*

Profa. Dra. Fernanda Lemos - UFPB**

Resumo: Este ensaio pretende analisar a relação entre representação social da masculinidade e religiosidade contemporânea. Nosso objetivo principal será compreender como a masculinidade tem influenciado o campo religioso, e como a religião tem influenciado a masculinidade, numa constante dialética entre os campos sociais. Desenvolveremos a pesquisa em três momentos: no primeiro deles buscaremos compreender alguns indícios de como se dá a construção social da masculinidade na modernidade; num segundo momento, tentaremos analisar a influência da religião na constituição e manutenção dessa representação gênero; e por fim, relacionaremos a tríade masculinidade, modernidade e religião, numa tentativa de compreender seus desafios para as relações de gênero.

Palavras chave: Religião, Gênero, Modernidade, Masculinidade, Representação Social.

Abstract: This essay intends to analyze the relation between social representation of the masculinity and religiosity contemporary. Our main objective will be to understand as the masculinity has influenced the religious field, and as the religion has influenced the masculinity, in a constant dialectic between the social fields. We will develop the research at three moments: in the first one of them we will search to understand some indications of as if it gives the social construction of the masculinity in modernity; at as a moment, we will try to analyze the influence of the religion in the constitution and maintenance of this representation sort; e finally, we will relate the triad masculinity, modernity and religion, in an attempt to understand its challenges for the sort relations.

Key Words: Religion, Gender, Modernity, Masculinity, Social Representation.

Resumen: Este ensayo se prepone analizar la relación entre la representación social del masculinidad y la religiosidad contemporánea. Nuestro objetivo principal sera entender pues el masculinidad ha influenciado el campo religioso, y mientras que la religión ha influenciado el masculinidad, en una dialéctica constante entre los campos sociales. Desarrollaremos la investigación en tres momentos: en primer de ellos buscaremos para entender algunas indicaciones de como si dé la construcción social del masculinidad en modernidad; en un segundo momento, intentaremos analizar la influencia de la religión en la constitución y el mantenimiento de esta clase de la representación; e finalmente,

* Artigo publicado no ano de 2008 pela Revista Netmal *in* Revista.

** Fernanda Lemos é doutora em Ciências da Religião, área das ciências sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, e membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL desse mesmo programa. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

relacionaremos el masculinidade, la modernidad y la religión de la tríada, en un intento por entender sus desafíos para las relaciones de género.

Palabras-claves: Religión, Género, Modernidad, Masculinidad, Representación Social.

Introdução

Dia desses, escutei uma música que ironizava – justamente uma de nossas principais e mais recentes preocupações no que se refere aos estudos de gênero, a questão da masculinidade:

Homem não chora
Nem por dor
Nem por amor
E antes que eu me esqueça
Nunca me passou pela cabeça
Lhe pedir perdão
E só porque eu estou aqui
Ajoelhado no chão
Com o coração na mão
Não quer dizer
Que tudo mudou
Que o tempo parou
Que você ganhou
Meu rosto vermelho e molhado
E só dos olhos pra fora
Todo mundo sabe
Que homem não chora
Esse meu rosto vermelho e molhado
E só dos olhos pra fora
Todo mundo sabe
Que homem não chora
Não chora não
Homem não chora
Nem por ter
Nem por perder
Lágrimas são água
Caem do meu queixo
E secam sem tocar o chão
E só porque você me viu
Cair em contradição
Dormindo em sua mão
Não vai fazer
A chuva passar
O mundo ficar

*No mesmo lugar
 Meu rosto vermelho e molhado
 E só dos olhos pra fora
Todo mundo sabe
Que homem não chora
 Esse meu rosto vermelho e molhado
 E só dos olhos pra fora
Todo mundo sabe
Que homem não chora
 (Barão Vermelho – “Homem não chora”)¹²*

A letra é permeada por uma melodia pop rock brasileira e um forte apelo romântico, fala de um homem que sofre por amor e foi flagrado no auge emotivo (chorando). É lógico que a intenção expressa pela letra não tem em si as preocupações de gênero, entretanto esse apelo romântico demonstra que seu amor é tão intenso que rompe os ideais sociais mais inculcados desde nossa infância: “A” masculinidade.

Essa música pode ser considerada a expressão mais realista da representação social do “estar homem” na sociedade contemporânea brasileira. Um homem pode socialmente representar sua masculinidade, entretanto, na contemporaneidade inúmeras masculinidades lhe são apresentadas, sua escolha certamente estará condicionada as motivações e necessidades do sujeito, apesar de todo processo de construção objetivados³.

A masculinidade é construída social e historicamente, é determinada pela religião, pela época, pelo lugar e pela sociedade. Isso equivale afirmar que um sujeito masculino que vive na sociedade x é diferente do sujeito masculino que vive na sociedade y. A cultura de x é constituída por símbolos talvez similares, entretanto, diferentes de y. Esta lógica nos informa que as representações sociais da masculinidade estão estruturadas de acordo com a temporalidade e localidade dos sujeitos. Não basta compreendermos apenas o local da representação social⁴, mas é preciso conhecer também seu tempo e cultura.

Poderíamos analisar as mais diferentes formas de representação social: do africano, do inglês, do estadunidense, do baiano, do paulista, ou do paraense; entretanto, seria fundamental compreendermos o período em que este homem se representa e é representado socialmente.⁵

¹ Letra extraída do site www.letras.mus.br, em 02/05/2006.

² Grifos meus.

³ Sobre o processo de objetivação, ver Berger (1985).

⁴ Segundo Minayo (1999: 90) o conceito de representação social é “usado no mesmo sentido que *Representações Coletivas*, o termo se refere a categorias de pensamento através das quais determinada sociedade elabora e expressa sua realidade (...) as representações não são necessariamente conscientes do ponto de vista individual”.

⁵ Apesar de o título de nosso ensaio se apresentar de forma genérica “A Representação Social da Masculinidade na Religiosidade Contemporânea”, temos pleno conhecimento de que seria impossível fazê-lo de forma completa, a ponto de contemplar todos os homens, das mais diferentes culturas, regiões, raças, etnias, épocas, religiões etc. Dessa forma, faz-se necessário informar que nossa pesquisa empírica contou com a participação de homens que residem e trabalham na região de São Bernardo do Campo, estão empregados

Analisar as representações sociais em perspectiva religiosa e de gênero nos remete à constatação de que esse fenômeno se constitui na relação com outros sujeitos sociais. O ator atua enquanto sujeito, e o sucesso desta representação está baseado na capacidade atribuída para desempenhar plenamente seu papel social.

A eficácia da representação não está na forma como os indivíduos desempenham suas habilidades socioculturais, mas na expectativa que a sociedade e a religião depositam para que desempenhem as funções esperadas. Aqui reside o sucesso ou a falência da aceitação de nossas representações sociais. Nas relações de gênero e na religião esta dinâmica relacional (instituição-sujeito) se dá da mesma forma, a atuação dos indivíduos não está baseada na premissa ética de que “todos são iguais”, mas, na necessidade de “representar para diferenciar” e/ou “diferenciar para representar”.

Por isso, não é incomum encontrarmos homens que impõem sua masculinidade por intermédio da misoginia, do horror a tudo que se representa enquanto feminino. A masculinidade é desenvolvida em constante relação com a feminilidade, tais representações se constroem na tensão, no conflito e na oposição.

A representação social da masculinidade envolve a compreensão de temas como cultura, sociedade, temporalidade, identidades, diferenças, tabus e religião. A religião exerce uma força singular no projeto desta construção, contribuindo para constituição e manutenção da forma como os homens e mulheres devem agir socialmente. Os discursos e práticas religiosas têm a função de estruturar a masculinidade, dando ao homem a semelhança eterna com a divindade, desde que se exerça a masculinidade imposta pela religião.

Nossa compreensão sobre o tema da masculinidade se dá a partir do campo social e religioso. Compreendemos que ela não é uma dádiva divina, e muito menos um processo natural destinado aos “sujeitos masculinos”, mas, uma construção social de alta eficiência para os sujeitos que a interioriza como parte significativa, inquestionável e legítima da realidade.

A construção social da masculinidade deve ser compreendida a partir da categoria gênero, que é um elemento fundamental para a análise desse fenômeno. As teorias de gênero têm a capacidade instrumental de fornecer elementos para compreensão de como as relações sociais de sexo estão estabelecidas. A imposição desse ideal hegemônico de masculinidade é constituído a partir da oposição à mulher, no momento em que a diferenciação dos sexos é fundamental para provar a condição de “macho masculinizado”.

Mesmo com a tentativa das teorias de gênero em desconstruir essa masculinidade ideal, percebe-se que ela ainda é parte significativa do cotidiano dos sujeitos, tanto homens como mulheres. Nesse papel de objetivação da realidade social, a religião desempenha um papel fundamental: a de manter essa masculinidade como categoria universal sacralizada. E mesmo que na prática os indivíduos não consigam vivenciar essa masculinidade “pregada” pela religião, ela é imposta enquanto sagrada, logo, todo desvio aos seus padrões estabelecidos será combatido de forma coercitiva.

atualmente, são nascidos na região sul e sudeste do Brasil, em sua maioria não têm filhos, ganham em média mil e duzentos reais, cursam ou já cursaram uma universidade e são solteiros.

Poderíamos deduzir que o sujeito masculino moderno está “entre a cruz e a espada”. Se por um lado há um discurso bem definido pela religião para que ele se represente enquanto homem (casado, pai, financeiramente estável etc), por outro, a realidade desse homem que vive numa sociedade “moderna” globalizada é a de um sujeito que não tem acesso a todas as características exigidas pela masculinidade hegemônica. Isso é capaz de gerar nos indivíduos uma crise identitária, a partir do que a sociedade espera que ele seja, e o que de fato ele é ou consegue ser.

Tentaremos no decorrer desse ensaio analisar, sob a ótica do campo religioso, como as masculinidades estão configuradas e/ou são exigidas no período contemporâneo pelas instituições sociais e religiosas. Nosso intuito primeiro será compreender como estão estruturadas as relações de gênero a partir da questão da masculinidade, e não simplesmente buscar um “bode expiatório” para responsabilizar ou vitimizar sobre as conseqüências sociais das desiguais relações de gênero. Compreender a construção e manutenção social desse fenômeno não exime os homens da responsabilidade das conseqüências trazidas pela “dominação masculina” às mulheres nas relações de gênero, mas pode apontar-nos caminhos para desarticular o modelo hegemônico de ser “homem macho sim senhor!”.

A Construção Social da Masculinidade

Toda construção social é fruto de um longo e duradouro processo de socialização dos sujeitos⁶. O fato é que por mais que resistamos à incorporação de algumas formas de socialização, elas são anteriores a nossa existência.

A masculinidade é uma esfera social fundamental para a organização da sociedade, e para a manutenção do *nomos*, tanto que qualquer sujeito que nasça com características físicas socialmente atribuídas aos homens, deve se representar enquanto homem. Enquanto instituição social legitimada pelas ciências biológicas, a masculinidade atinge o status legal e sagrado, ancorada pelas tradições sociais, que cumprem a função de categorizar e normatizar os gêneros.

Os primeiros contatos sociais de uma criança já lhe informam as diferenças de gênero. As escolhas sociais, mesmo que se desviem do discurso estabelecido pela tradição, são marcadas pela imposição da coletividade sobre o sujeito, “*a criança nasce em um mundo que já está estruturado pelas representações sociais de sua comunidade, o que lhe garante a tomada de um lugar em um conjunto sistemático de relações e práticas sociais*” (Duveen, 1999: 265).

Somos o que a sociedade quer que sejamos, até mesmo nossa sexualidade é instituída no momento em que somos registrados enquanto cidadãos e cidadãs de um país. O determinismo do gênero está condicionado ao corpo biológico com o qual nascemos,

As disposições masculinas incutidas desde a infância e reiteradas durante toda a vida, pois, interacionalmente vivenciadas, prendem-se às ideias mais difusas e comuns acerca do comportamento masculino autêntico, em que se relacionam

⁶ Ver: Berger (1985).

características tais como força, resistência, coragem, capacidade de tomar iniciativa, comportamento heterossexual etc (Oliveira, 2004: 273).

A ideia de Oliveira é que a masculinidade estrutura seus agentes para uma cadeia preestabelecida de atitudes sociais, que se materializa no âmbito coletivo. Muitas são as instituições responsáveis pela construção e manutenção deste capital social. A família é uma das primeiras esferas sociais que ajudam na estruturação das relações de gênero, seguida pelas instituições de ensino, religiosa, trabalhistas dentre outras.

Tais instituições são agências estruturantes do *nomos* social, e perpetuam o capital simbólico por intermédio da confiabilidade que os sujeitos sociais lhes depositam, “*a força da categorização nas representações de gênero que circulam em volta da criança é tão forte que ela sempre vai aparecer como uma menina ou como um menino desenvolvendo identidades sociais específicas*” (Duveen, 1999: 266).

A imposição das identidades de gênero nos primeiros anos de vida não garante o sucesso das instituições sociais no que diz respeito à hegemonia, visto que os sujeitos interagem socialmente nessa dialética identitária⁷. Eles estão em constante diálogo com as instituições sociais, a individualidade e a objetividade são o que de fato lhe interessa nessa relação,

... numa sociedade marcada pelas pertencas múltiplas e díspares, em que os agentes se inserem em diferentes cenários, onde os arranjos de gênero, modificáveis segundo os contextos, podem ou não estar mesclados a outras variáveis, como classe social, região, raça, subcultura (Oliveira, 2004: 277).

O que queremos demonstrar é a autonomia do sujeito na representação social da masculinidade. Por mais que a masculinidade hegemônica seja o ideal de identidade, os sujeitos na prática vivenciam as mais variadas formas dessa representação. O que revela uma “artimanha dos sujeitos” na relação sociedade-representação-sujeito.

Em alguns momentos vale a pena optar pela hegemonia masculina imposta pelas instituições. E apesar do relativismo, característica do sujeito moderno, as construções imbuídas desde a infância representam fortes marcas biográficas.

O sucesso ou fracasso dessa representação estará condicionado à forma de socialização que os indivíduos atingiram no seu processo de objetivação da realidade. Nas relações de gênero não são diferentes, socialmente só há duas formas de representação dos gêneros, ou masculino ou feminino, revelando assim um elemento fundamental nas sociedades para a construção e manutenção das representações,

... representações de gênero, exatamente porque se referem a uma dimensão central de organização e poder social, carregam conseqüências também centrais para nossas definições de EU (...)

⁷ Ver: Hall (2004).

sempre pensamos em nós mesmos como homens ou mulheres, e dessas identidades sociais emergem exatamente à medida que internalizamos representações de gênero (Duveen, 1999: 268).

Observamos que não há muitas escolhas sociais a serem feitas no que diz respeito às representações de gênero, ou somos homens ou somos mulheres neste universo simbólico⁸. Dessa forma, somos “desde sempre” condicionados a assumirmos “um lado da moeda”.

As representações de gênero, em nosso caso com maior detalhamento nas questões da masculinidade, têm como características a cultura, a cognição e a emoção. O indivíduo não é só um corpo, mas um ser social e psicológico que se projeta na alteridade,

... a criança nasce em um mundo que é estruturado por representações sociais de gênero, e através dessas representações ela é construída, isso não significa que ela nasce com competência para ser um ator social independente no mundo. (...) Representações de gênero fornecem uma referência importante através da qual a criança adquire uma identidade que lhe permite situar-se no mundo social (Duveen, 1999: 266).

A masculinidade como representação obtém seu sucesso na construção social por se apresentar enquanto estrutura legal, e posteriormente se instalar enquanto realidade cognitiva para o sujeito desde os primeiros anos de vida. Após este processo, não será difícil a inculcação de características dualísticas nas relações de gênero. Duveen (1999: 289) observa que “*cada criança cresce para tornar-se um ator social hábil no campo dos gêneros*”.

Entretanto, as fronteiras das construções sociais de sexo, que outrora pareciam sólidas e inabaláveis, estão em processo de deslocamento, o universo do gênero vem passando por transformações no mundo contemporâneo,

Os principais fenômenos constitutivos dessa mudança são: a crise da forma burguesa da família nuclear (monogâmica e heterossexual), a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação da sexualidade da reprodução e uma política de visibilidade da homossexualidade (Arán, 2003: 400).

A família⁹ nuclear, que fora cristalizada enquanto “instituição sagrada”, no período moderno foi considerada “... *herdeira da necessidade política da constituição do privado (...) a partir daí, a organização pai-mãe-filho passa a ser naturalizada como o lugar originário, por excelência, da constituição do sujeito*” (Arán, 2003: 401).

⁸ Há uma ideia já consagrada pelo discurso social e religioso, de que as identidades de gênero foram dadas enquanto consagrações divinas (Samara, 1997:15).

⁹ Segundo Arán (2003: 401), a instituição da família é um fenômeno recente na história da humanidade, ao contrário das relações de parentesco que sempre estiveram presentes nas formações sociais.

Mas, como serão constituídos os sujeitos e suas identidades se a base fundamental que os produz está em processo de mudança? Alguns fenômenos demonstram que “*a base da família nuclear ruíu...*”: as baixas taxas de fecundidade, queda da nupcialidade, o aumento do divórcio e da separação refletem a transformação na noção de família como instituição que contribui para sustentar e organizar a sociedade. Após a segunda guerra mundial houve uma progressiva entrada da mulher no campo de trabalho, associado ao crescimento econômico nos países capitalistas (Arán, 2003: 401/402).

A partir de então, algumas características atribuídas ao masculino e ao feminino vêm se dissolvendo. Não há mais como falar em homem “chefe de família”, se grande parte das mulheres entraram no mercado de trabalho, criam seus filhos sozinhas, educando-os, mantendo-os e sustentando-os. A ideia de que o homem é central na família nuclear vem cada dia mais se “pulverizando” socialmente.

Assim como a noção de providência masculina, a noção da paternidade dentro da família nuclear está associada ao casamento heterossexual e monogâmico, um modelo bem definido de masculinidade.¹⁰ A paternidade é representada por meio de atributos físicos e morais, ou seja, enquanto que “fazer filhos” é um atributo físico da paternidade, conseguir educá-los e sustentá-los é um atributo moral (Costa[2], 2002: 341)¹¹, e mesmo que os homens,

... reivindiquem dimensões femininas na masculinidade, como cuidar de crianças ou executar determinadas tarefas domésticas, o trabalho remunerado e o sustento dos filhos continuam sendo tomados como prerrogativas normativas masculinas (Costa[2], 2002: 345).

A noção de que o homem seja o grande responsável financeiro e moral da instituição familiar está condicionada à representação social da masculinidade,

As construções hegemônicas das categorias do masculino e do feminino no âmbito das relações amorosas não podem deixar de levar em conta as construções modelares da conjugalidade, entendida como relações estáveis entre homens e mulheres que pressupõe o exercício da sexualidade, a coabitação e a reprodução familiar. É este o cenário que foi tomado como privilegiado para as referências ocidentais modernas da construção social dos gêneros (Machado, 2004: 46).

¹⁰ Costa(2) (2002) realizou entrevista com vinte e um entrevistados homens, que se dirigiram ao ambulatório de reprodução humana de uma universidade de São Paulo. Seu interesse estava em perceber se a paternidade concebida pelos homens seria fundamental para a masculinidade, neste sentido, a autora buscou compreender as representações masculinas da paternidade, analisando o que elas revelavam sobre a masculinidade e sobre as formas como o gênero é constituído.

¹¹ Apesar da conjunção entre atributos físicos e morais da paternidade, Costa(2) (2002) detectou que apenas o atributo moral não confere ao homem sua paternidade, demonstrando que a representação social da masculinidade tem a ver com criar filhos biologicamente próprios, e não de outros homens.

Ter a capacidade física, moral e econômica de “assumir” todas as responsabilidades destinadas ao seu gênero confere ao homem ganho e acúmulo de capital simbólico significativo perante a família, o Estado e a religião. Da mesma forma que o não cumprimento desses “encargos” o destitui dos atributos considerados fundamentais para sua representação de gênero.

Entrevistamos um sujeito, que a partir de agora nomearemos de *Beta*, e percebemos a “contabilização” de um capital simbólico formado a partir da representação da masculinidade hegemônica. *Beta* tem quarenta anos, trabalha no setor de manutenção da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP em São Bernardo do Campo, é casado há mais de uma década e pai de dois filhos. Foi educado somente pela mãe, a partir dos cinco anos de idade, momento em que seu pai saiu de casa por causa de relacionamentos extra conjugais. Perguntamos a *Beta* se caso estivesse fora da religião seria um pai ou um marido “ruim”, e nos respondeu,

“eu procuro não ser igual as coisas erradas que ele [pai sujeito] passou pra mim naquele momento, não passar as coisa errada que ele passou pra mim, eu quero ser um pai melhor, eu sou responsável, por minha família eu faço qualquer negócio. Um pai responsável é um pai presente, presente é bom mas só presente a criança não cresce, eu aprendi isso com deus, o pai hoje não pode estar presente pro filho em “ n” situações, então ele quer comprar, e eu tenho visto que essas crianças crescem e são filhos rebeldes, problemáticos, a presença é importante, o pai não passa segurança, assim como eu tinha insegurança, solidão, ele passou essa insegurança, naquela época, eu tenho certeza que teria problemas, os exemplos que foram passados pra mim, naquela época eu fosse pai eu não seria bom não”.

A frase “*não ser igual às coisas erradas que ele passou pra mim naquele momento*” está relacionada ao desempenho das representações sociais pelas quais seu pai não foi capaz de exercer em seu processo de socialização (infância). Na religião *Beta* encontrou elementos para exercer sua paternidade e providência, logo, sua masculinidade de forma plena. Isso demonstra a capacidade que a religião tem em imprimir nos sujeitos os modelos legais dos atributos de gênero.

Apenas nesse fragmento de entrevista notamos que a representação do homem, enquanto provedor da família nuclear, é mais ampla do que pensamos, se considerarmos que dentro do campo “provedor” estão associadas ideias de uma paternidade moralizadora, que é responsável também pelo sucesso das futuras construções sociais de gênero.

A construção da masculinidade hegemônica parece responsabilidade do pai, que irá coibir quaisquer desvios ou anomalias comportamentais por parte dos filhos. A função da mulher seria a de contribuir neste empreendimento enquanto socializadora, entretanto, ao homem caberá a punição dos desvios.

Modernidade, Masculinidade e Religião

Uma das primeiras relações que podemos estabelecer entre modernidade e masculinidade está na evidência de que o tema da masculinidade só é questionado, problematizado e “dissecado” no período contemporâneo, e numa fase bem posterior da modernidade¹².

Isto está relacionado ao fato de que o homem – enquanto objeto de estudo – nunca pertenceu ao campo da exploração, da dúvida, do questionamento. O gênero masculino nunca se tornou objeto de estudo em sociedades pré-modernas, visto que era reconhecido como naturalmente legítimo. No período contemporâneo, as identidades assumem características híbridas, provocando dessa forma a necessidade de questionamento das identidades de gênero, e da masculinidade.¹³

As masculinidades estão em constante processo de recomposições e reelaborações representativas na modernidade. Não podemos mais identificar os indivíduos pelo ideal de masculinidade construído historicamente. O primeiro passo para relacionar identidade e modernidade é desconstruir o modelo hegemônico de masculinidade, imposto e instituído como lei divina.

A identidade masculina em sociedades pré-modernas era única representação legítima da sociedade, considerada o padrão de gênero culturalmente aceito e legítimo. Essa nódoa é presente até os dias atuais, entretanto, os sujeitos têm maior liberdade. Se na esfera familiar lhe é imposto uma masculinidade hegemônica, o ator assim se representa – na troca pela aceitação do grupo. Porém, no âmbito do grupo social mais íntimo, a hegemonia da representação social masculina pode não prevalecer enquanto identidade predominante.

O debate contemporâneo sobre o tema da masculinidade é amplo¹⁴ (Cecchetto, 2004), porém o que se faz necessário é analisar a construção social da masculinidade e seus significados, que variam conforme a cultura e período histórico, além do mais depende da história de vida de cada sujeito social. Na modernidade essa construção assumiu características bem peculiares enquanto representação de gênero: transitoriedade, multiplicidade, pluralidade e justaposição identitária.

Num período com características tão efêmeras e transitórias, pensar em identidades de gêneros fixas constitui um problema, pois, a masculinidade é histórica, “... *a masculinidade patenteou-se na modernidade como símbolo de um ideal de permanência,*

¹² Não teremos tempo hábil para maiores explanações sobre as diferenças teóricas na discussão do conceito que envolve o período moderno. Entretanto, nossa concepção teórica está baseada na compreensão de que vivemos num período não mais determinado pela tradição, mas pela escolha do sujeito. Seria uma fase bem posterior de seu desenvolvimento, que não se caracteriza enquanto “pós”, visto que ainda não terminou. Giddens (2002) caracteriza essa fase da modernidade enquanto “tardia”, por influenciar radicalmente as identidades dos sujeitos. Para maiores esclarecimentos sobre a questão teórica da modernidade, consultar: Sobre Modernidade Ver: Bauman (2005, 2004, 2001, 1999a, 1999b, 1998); Giddens (1991 & 2002); Martelli (1995); Touraine (1994).

¹³ Para maiores informações a respeito dessa ideia, consultar Heilborn & Carrara (1998) num Dossiê sobre masculinidade elaborado na revista “Estudos Feministas”.

¹⁴ Amplo no sentido de que são inúmeras as problemáticas a serem levantadas, e não porque tenhamos muitas pesquisas em andamento para responder a essas perguntas.

que mantinha a vida social, a família e todas as tradições contra a loucura e o ritmo infernal das mudanças típicas da sociedade industrial” (Oliveira, 2004).

Percebe-se que todas as esferas sociais estão passando por constantes transformações, e essa contagiante mutabilidade não seria diferente com a religião, que é influenciada e influencia todos os aspectos da realidade social e cultural dos sujeitos, e é responsável pela criação e manutenção das representações sociais e de gênero, logo, da masculinidade.

Tentar compreender a masculinidade sob o prisma da religião é perfeitamente possível e necessário, se considerarmos a influência histórica e social que a religião exerce sobre a realidade dos sujeitos.

Mesmo com a caracterização moderna de uma religiosidade¹⁵ expressa pela relativização, transitoriedade e poder de escolha do sujeito, a religião sempre exerceu fortes influências na constituição e manutenção da representação social do homem e da mulher. Nas sociedades modernas a religião expressa sua influência sobre as representações sociais, quando os discursos são permeados pela idealização das relações sociais de sexo, por isso, estabelecer uma relação entre religião e gênero nos ajudará a perceber a importância da religião na constituição e manutenção das relações de gênero.

Os grupos religiosos não são exclusivamente compostos por sujeitos universais, que têm a capacidade de representar todo o grupo. Os sujeitos vivenciam suas religiosidades marcados pelas construções de gênero¹⁶, e *“apesar da perda do poder regulador da religião nas sociedades secularizadas o que se verifica é ainda um forte religious appeal na maneira como os sexos se reconhecem socialmente”* (Souza, 2004b: 123).

A representação de gênero é fundamental no âmbito religioso, tão estruturante quanto às relações de classe, raça e etnia. Ser homem e ser mulher no grupo religioso indicam muitas possibilidades fadadas única e exclusivamente ao gênero, que podem representar ganho ou perda social para os sujeitos.

Enquanto instrumento eficaz de inculcação e manutenção de ideais sociais, o discurso religioso tem a capacidade e função de instituir as representações de gênero, com base nos preceitos cristãos. Oliveira (2004: 47) observa que *“em vários momentos históricos, a relação entre valorização da masculinidade e recrudescimento da influência religiosa pôde ser assinalada”*.

¹⁵ No que diz respeito a religiosidade moderna, Sandra Duarte de Souza (2004a, 6) observa que *“... se a religião já não ocupa mais o lugar de matriz cultural totalizante, deixando de ser o centro organizador das relações sociais, ela ainda exerce influência significativa no cotidiano das pessoas”*. Apesar da complexidade e relevância dessa relação, ela ainda é pouco discutida e pouco admitida dentro das pesquisas acadêmicas, talvez pela influência cartesiana pela qual fomos influenciados, por isso a escassez de estudos que relacionam gênero e religião nos estudos feministas (Souza, 2004b: 122). Entretanto, os estudos de gênero têm crescido no Brasil, há um aumento significativo de trabalhos dentro dos estudos feministas, mas, a relação entre gênero e religião ainda é *“timidamente”* abordada. (Souza, 2004a: 6). Portanto, faz-se necessária tal abordagem dentro das ciências sociais.

¹⁶ Nunes (1995:14) ao realizar uma abordagem de gênero sobre a sociologia da religião, observa que *“na abordagem do fenômeno religioso, os atores religiosos têm sido tratados indiferenciadamente, quer se trate de mulheres ou de homens (...) sexo é uma variável secundária, relegada a um caráter puramente descritivo.”*

A representação social da masculinidade relaciona-se intimamente com a religião. A própria ideia de deus é marcada pelos atributos físicos e subjetivos da masculinidade: força, autoridade, barba, cabelos grisalhos, potência, coragem etc. Deus jamais é representado (pinturas, discursos, práticas) enquanto um homem com características atribuídas às mulheres (emoção, doçura, afeto).

O processo de construção da figura masculinizada de deus perpassa milênios da construção histórica da humanidade. Na contemporaneidade temos a suspeita de que este fenômeno tenha sido tão bem construído no imaginário religioso, que os sujeitos têm uma pré-concepção da imagem masculinizada de deus. Mesmo porque os atributos remetidos às mulheres descaracterizariam a potência dominadora do divino (fragilidade, carinho, emoção), seriam características de um deus fraco e sensível. Esse imaginário simbólico foi tão eficazmente construído ao longo do processo histórico da humanidade, que até mesmo um número considerável de mulheres tem esta concepção de deus.

Além de todas as características atribuídas a deus, destaca-se também a qualidade de provedor. Qualidade que o cristianismo tentou divinizar enquanto papel legítimo do homem na família nuclear. O ideal cristão de masculinidade é – dentre outras características que constituem a hegemonia da masculinidade – a imagem do homem provedor. Este encargo destinado à masculinidade tem sua legitimidade no cristianismo dos séculos XVIII e XIX, momento em que a burguesia encontrou nos ideais cristãos, solo fértil para o desenvolvimento da família, cujo núcleo fora centrado na figura masculina (Oliveira, 2004: 47),¹⁷

Ainda que pudesse também estimular e valorizar atributos guerreiros, no século XIX, a religião se incumbia, principalmente, de promover a moralidade tipicamente burguesa, enquanto o exército e os esportes cultivavam valores masculinos para a educação da virilidade (Oliveira, 2004: 49).

O homem burguês fez parte, e ainda faz, do imaginário da masculinidade, visto que presenciamos no século XXI homens que se encontram em crise por não alcançarem este ideal construído historicamente,

Amplamente apoiado pelo cristianismo, o ideal moderno de masculinidade se transforma num baluarte contra a decadência e a degeneração dos costumes e estaria retratado em diversas narrativas, quadros, anedotas e fábulas, instilando-se de forma profunda na consciência moderna (Oliveira, 2004: 48).

O ideal moderno de masculinidade tenta perpetuar as ideologias impressas pela burguesia no processo de institucionalização da família nuclear, com o surgimento do

¹⁷ Dentre os exemplos destacados por Oliveira (2004, 47) para assinalar a conexão entre religião e masculinidade, vale ressaltar que no século XIX a igreja anglicana fundou a brigada dos garotos, cuja preocupação principal era organizar o tempo e o lazer dos jovens. Dentre as maiores preocupações para formação do caráter cristão masculino estavam exercícios que desenvolviam bravura, coragem e disciplina. Tais estratégias certamente faziam parte da ideologia da formação da masculinidade entre jovens cristãos.

Estado Moderno.¹⁸ O cristianismo foi uma das instituições que mais contribuiu para a inserção do homem enquanto provedor e mantenedor da moral e “dos bons costumes”.

A moral cristã encontrou na dominação masculina um instrumento importante para a manutenção da ordem, que só teria eficácia em sua perpetuação mediante a força, a coerção (atributos relegados aos homens) da instituição religiosa. Portanto, a associação entre religião e masculinidade contribuiu para a realização do ideal moderno da burguesia, que visava controlar e coibir distúrbios sociais, que desarticulassem esta estrutura racional de manutenção e evolução de uma sociedade perfeita. Esse ideal burguês de masculinidade colocou o homem enquanto agente unificador da instituição familiar, e encontrou na religião sua “parceira mais fiel”.

Conclusão

Gostaríamos de concluir rememorando a música que transcrevemos no início de nossa discussão: *“todo mundo sabe que homem não chora, Não chora não! Homem não chora nem por ter nem por perder”*. É claro que nossa intenção não foi tratar da emotividade masculina ou admirar romanticamente as lágrimas de um pseudo-apaixonado. Mas, discutir como a representação social da masculinidade está configurada na modernidade.

Entretanto, se por um lado a modernidade apresenta “as masculinidades” aos sujeitos, por outro a religião discursa sobre ““A” masculinidade”. Dessa forma, as masculinidades apresentadas pelo período contemporâneo coexistem com a masculinidade apresentada pela religião, no mesmo espaço social. Há uma constante tensão, um campo de forças. Apesar de vivermos em um período em que as verdades absolutas são questionadas, “verdades que foram verdades” durante séculos são desconstruídas, a religião ainda mantém sua aura de imutabilidade e legisla sobre as questões de gênero.

Mesmo com o avançado processo de universalização das culturas e da secularização, a religião ainda discursa sobre a masculinidade, julgando-se portadora da ordem sagrada e de sua instituição milenar. O que inter-fere diretamente na forma como a mulher representa e é representada socialmente.

Refletir sobre os problemas da masculinidade não implica em abandonar a militância feminista, e muito menos desconsiderar os longos séculos de luta pelos direitos das mulheres, pelo contrário, é buscar alternativas contra as desigualdades. É uma forma de compreendermos que muitas das desigualdades de gênero são o resultado de discursos religiosos que culminaram na perpetuação das violências.

Quando a instituição religiosa supervaloriza os atributos da masculinidade, ela não está apenas dando instruções sobre como ser homem, ela está afirmando que em oposição a estas questões está “o outro lado da moeda” – a mulher, que é o oposto a tudo aquilo que o

¹⁸ Vale considerar que Max Weber, em *“A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”* observou que o protestantismo, principalmente de ordem puritana, fora um forte influenciador e constituidor da ordem social da Europa do século XVIII e XIX. A racionalização da vida intramundana protestante conduziu os indivíduos a uma ética que influenciou toda a sociedade, e conseqüentemente (segundo tese weberiana) as relações econômicas.

homem representa. Se o homem é a representação de deus lá do céu, a mulher é a representação do diabo aqui na terra.

A compreensão da construção social da masculinidade sob o crivo religioso é pertinente para os estudos feministas e de gênero. Pois, evidencia nas relações de gênero qual o papel das representações da mulher e das masculinidades ditas “subalternas” na igreja e na sociedade, ou melhor, o “não-papel” e o “não lugar” desses sujeitos.

Referências

- ALMEIDA, Marlise Miriam de Matos. Masculinidades: uma discussão conceitual preliminar. In: *Mulher, Gênero e Sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001. pp. 21 – 38.
- AMARAL, Leila. Deus é pop: sobre a radicalidade do trânsito religioso na cultura popular de consumo. In: *Religiões no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003. pp. 97 – 108. (Coleção estudos da ABNR).
- ARÁN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. In: *Revista Estudos Feministas*, 11 (2). Florianópolis: UFSC, 2003. pp. 399 – 422.
- AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Trad. Clarisse Meireles & Leneide Duarte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 192 p.
- BAUER, Martin. A popularização da ciência como imunização cultural: a função de resistência das representações sociais. In: *Textos em Representações Sociais*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. pp. 229 – 257. (Psicologia Social).
- BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Nenedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 110 p.
- _____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 190 p.
- _____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 258 p.
- _____. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1999a. 334 p.
- _____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999b. 145p.
- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama & Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998. 272 p.
- BERGER, Peter L.. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. Trad. José Carlos Barcellos. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1985. 194p. (Coleção sociologia e religião; 2).
- BICALHO, Elisabete. Gênero, violência e religião – uma alquimia perfeita. In: *Revista Mandrágora*. Ano VII, nº 7/8. São Bernardo do Campo: UMESP/NETMAL, 2001/2002. pp. 89 – 98.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160p.

- CECCEHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 248 p. (Violência, cultura e poder).
- CHAMORRO, Graciela. A construção do “ser homem” e do “ser mulher” durante a “conquista espiritual” – um aporte lingüístico. In: *Revista Mandrágora*. Ano VII, nº 7/8. São Bernardo do Campo: UMESP/NETMAL, 2001/2002. pp. 30 – 36.
- COSTA(a), António Firmino da. Identidades culturais urbanas em época de globalização. *Rev. bras. Ci. Soc.* [on-line]. 2002, vol.17, nº 48. Disponível Internet em 18/11/2004: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000100003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-6909. pp.15-30.
- COSTA(b), Rosely Gomes. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teoria da concepção. In: *Revista Estudos Feministas*, 10 (2). Florianópolis: UFSC, 2002. pp. 339 – 356.
- DENÈFLE, Sylvette. *Tant Qu’il y Aura du Linge a Laver*. France: Collection Panoramiques. 1995.
- DUVEEN, Gerard. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em desenvolvimento. In: *Textos em Representações Sociais*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. pp. 261 – 293. (Psicologia Social).
- ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala: feminismo, teoria social e religião*. Trad. Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulinas, 1996. 326 p. (Sociologia atual).
- FARR, Robert M.. Representações sociais: a teoria e sua história. In: *Textos em Representações Sociais*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. pp. 31 – 59. (Psicologia Social).
- FULLER, Norma. *Masculinidades, câmbios y permanências: varones de Cuzco, Iquitos y Lima*. Perú: Fondo Editorial de La Pontificia Universidad Católica del Peru, 2001. 509 p.
- GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998. pp. 31 – 50.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 233 p.
- _____. *As conseqüências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991. 177p. (Biblioteca básica).
- GUARESCHI, Pedrinho A.. “Sem Dinheiro Não Há Salvação”: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: *Textos em Representações Sociais*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. pp. 191 - 225. (Psicologia Social).
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9ª edição. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2004. 102 p.
- HEILBORN, Maria Luiza & CARRARA, Sérgio. Em cena, os homens... In: *Revista Estudos Feministas*, 6 (2). Florianópolis: UFSC, 1998. pp. 370 – 374.
- HITA, Maria Gabriela. Masculino, feminino, plural. In: *Cadernos Pagu [13]*. Campinas: UNICAMP, 1999. pp. 371 – 383.
- IRARRÁZVAL, Diego. Corporeidad masculina. In: *Corporeidade, Etnia e Masculinidade: reflexões do I Congresso Latinoamericano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. pp. 136 – 145.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: *Textos em Representações Sociais*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. pp. 63 – 85. (Psicologia Social).

- LEMOS, Carolina Teles. Equidade de gênero: uma questão de justiça social de combate à violência – ideias religiosas como ângulo de análise. In: *Revista Mandrágora*. Ano VII, nº 7/8. São Bernardo do Campo: UMESP/NETMAL, 2001/2002. pp. 76 – 88.
- LEMOS(b), Fernanda. Religião e Modernidade: uma análise de gênero do trânsito religioso de homens no contexto da Universidade Metodista de São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. 180 p.
- LISBÔA, Maria Regina Azevedo. Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. In: *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 1998. pp. 131 – 138.
- MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial/Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. pp. 35 – 78.
- _____. Gênero, um novo paradigma? In: *Cadernos Pagu* (11). São Paulo: UNICAMP, 1998. pp. 107 - 125.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996. 221 p.
- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995. 493 p.
- MENEZES, Nilza. A religiosidade na magistratura de Rondônia. In: *Primeira Versão*, Ano I, nº 174. Porto Velho: UFR, 2003. ISSN 1517-5421. 6 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: *Textos em Representações Sociais*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. pp. 89 – 111. (Psicologia Social).
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. Usos e limites da categoria gênero. In: *Cadernos Pagu* (11), 1998. São Paulo: UNICAMP. pp. 99 – 105.
- MOSCOVICI, Serge. *Textos em Representações Sociais*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 187 p. (Gênero plural).
- NUNES, Maria José Rosado. Catolicismo sob o escrutínio da modernidade. In: *Sociologia da Religião e Mudança Social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004. pp. 22 – 36.
- _____. Gênero, saber, poder e religião. In: *Revista Mandrágora*. Ano II, nº 2. São Bernardo do Campo: UMESP/NETMAL, 1995. pp. 9 – 16.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG/ Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004. 347 p.
- _____. Discursos sobre masculinidade. In: *Revista Estudos Feministas* [1], ano 6, 1998. pp. 91 – 112.
- PRANDI, Reginaldo. Religião, biografia e conversão: escolhas religiosas e mudanças de religião. *IX Jornada sobre Alternativas religiosas na América Latina*. Mesa redonda “minorias religiosas em contexto: conversão e suas relações sociais e políticas”. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 21 – 24 de setembro de 1999. pp. 1 – 15.
- _____. As religiões, a cidade e o mundo. In: *A Realidade Social das Religiões no Brasil: religião sociedade e política*. São Paulo: HUCITEC, 1996. pp. 23 - 34.
- RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. In: *Cadernos Pagu* (11), 1998. São Paulo: UNICAMP. pp. 89 – 98.

- SAMARA, Eni de Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: *Gênero em Debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. pp. 11 – 51.
- SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. In: *Revista Estudos Feministas* [1], vol. 13. Florianópolis: UFSC, 2005. pp. 11 – 30.
- _____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade*. 16 (2). Porto Alegre: UFRGS, 1990. pp. 5 – 22.
- SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. In: *Revista Estudos Feministas*, 5 (1). Florianópolis/Rio de Janeiro: UFSC/UFRJ, 1997. pp. 7 - 29.
- SOUZA, Sandra Duarte. “Gênero, religião e modernidade”. In: *Revista Mandrágora*. Ano IX, nº 10. São Bernardo do Campo: UESP/NETMAL, 2004(a). pp. 6 – 7.
- _____. *Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas*. In: *Revista Estudos Feministas* [12]. 2004(b). Florianópolis: UFSC. pp. 122 – 130.
- _____. Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua. In: *Revista Estudos de Religião* [20], Ano XV. São Bernardo do Campo/SP: UESP, 2001. pp. 157 – 167.
- SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: *Textos em Representações Sociais*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. pp. 117 – 145. (Psicologia Social).
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. 3º ed. Trad. Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994. 431 p.
- VELOSO, Marcelo Augusto. Uma abordagem de gênero a partir da religião – gênero, masculino e cristianismo. In: *Corporeidade, Etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latinoamericano de gênero e religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. pp. 71 – 79.
- WEBER, Max. *Sociologia*. 2º edição. São Paulo: Ática, 1982. pp. 129 – 141.
- _____. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Edição de Antônio Flávio Pierucci. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 335p.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: *Revista Estudos Feministas* [2], vol. 9. Florianópolis: UFSC, 2001. pp. 460 – 482.
- _____. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: *Masculinidades*. São Paulo/Santa Cruz: Boitempo Editorial/EDUNISC, 2004. pp. 107 – 128.